

A mulher e suas tranças

La femme e ses serrures

Maria Letícia de Oliveira Reis

Doutora em Psicologia Clínica pela USP
marileoliveira@hotmail.com

Resumo: Beauvoir escreve sobre o paradoxo da situação da mulher, em 1949: “elas pertencem ao mesmo tempo ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado; encerradas nessa esfera, investidas por aquele mundo, não podem instalar-se em nenhum lugar com tranquilidade” (BEAUVOIR, 2016, p. 407). O presente texto pretende trabalhar as formas em que a mulher se encerra, através de textos de Virgínia Woolf e Elena Ferrante, a fim de perguntar: qual o lugar da escrita para uma libertação da mulher? Mulheres que escrevem precisam de um teto todo seu, dinheiro e uma trança na porta. É desse modo que Virgínia Woolf trata esses dois assuntos: mulheres e ficção. Beauvoir e Woolf questionam a verdadeira natureza da mulher e sua situação. Elena Ferrante descreve uma personagem que fica presa em seu apartamento com seus filhos e um cachorro durante dias, enlutada e angustiada. Ela tem seu espaço próprio, mas não tem autonomia, sem poder cuidar de si para cuidar do outro, sucumbe à experiência de estar presa e ousar pedir por ajuda para abrirem a porta. A mulher casada, a mãe, a vida social, são capítulos também da segunda parte de *Situação da mulher* no livro *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir. De forma complementar à discussão do encerramento da mulher, traremos ao debate um clássico da literatura feminista: *O papel de parede amarelo*, a história de uma esposa fragilizada levada a uma casa de uma fazenda onde deveria se recuperar de um quadro supostamente depressivo e encontra, pelo contrário, encontra um cenário de estranheza.

Palavras-chave: Tranças; escrita; mulher; situação.

Résumé: Beauvoir écrit sur le paradoxe de la situation de la femme: “elles appartiennent à la fois au monde mâle et à une sphère dans laquelle ce monde est contesté; enfermées dans celle-ci, investies par celui-là, elles ne peuvent s’installer nulle part avec tranquillité” (BEAUVOIR, 2016, p. 407). Ce texte prétend de travailler les formes dans lesquelles la femme s’enferme, à travers les textes de Virginia Woolf et Elena Ferrante, pour y interroger: quel est la place de l’écriture à l’égard d’une libération de la femme? Les femmes qui écrivent ont besoin d’une chambre à soi, de l’argent et d’une serrure sur la porte. C’est comme ça que Virginia Woolf traite de ces deux sujets: les femmes et la fiction. Beauvoir et Woolf, interrogent la vraie nature de la femme et sa situation. Elena Ferrante, décrit une femme qui reste coincée dans son appartement avec ses enfants et un chien pendant des jours, dans une sorte de deuil et angoissée. Elle a son propre espace, mais sans autonomie, sans la possibilité de prendre souci de soi ou de l’autre, elle succombe à l’expérience d’être enfermée

et d'oser de demander de l'aide pour qu'on ouvre la porte. La femme mariée, la mère, la vie sociale, ce sont des chapitres aussi de la deuxième partie de Situation de la femme dans le livre Le Deuxième sexe de Simone de Beauvoir. De façon complémentaire à la discussion de la fermeture de la femme, nous apporterons au débat un classique de la littérature féministe: Le papier peint jaune [La séquestrée], l'histoire d'une épouse fragilisée qu'on amène à une maison de ferme où elle devrait se remettre d'un cadre soi-disant dépressif, mais y trouve, au contraire, un scénario d'étrangeté.

Mots-clés: Serrures; écriture; femme; situation.

Com base em leituras recentes de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir depreendeu-se uma concomitância de textos surpreendentes, todos também de autoria feminina: *Um teto todo seu* (Virgínia Woolf, 1929), *Dias de abandono* (Elena Ferrante, 2002) e *O papel de parede amarelo* (Charlotte Gilman, 1892). A essas leituras somou-se uma experiência poderosa no consultório de psicanálise. O presente artigo traz as leituras pessoais dessa experiência fundadora e formadora. A partir da interrogação de como textos feministas afetam o psicanalista em sua clínica, supõe-se se que os textos colaboram com aquilo que se costuma denominar como “ponto cego da escuta”.

Este artigo é, portanto, o resultado, em grande medida ainda inconclusivo, da grande contingência entre essas leituras. Afinal, não é possível saber, ainda, ao certo para onde vão. São obras que dizem respeito a uma escrita interrompida, uma impossibilidade de sair, diante de uma tranca na porta.

Experiência com a escrita de mulheres:

Há cerca de um ano e meio, resolvi convidar as mulheres ao meu redor, que trabalham, amam, cuidam dos seus projetos, de seus filhos, e de si, para estarem juntas sob o mesmo teto. Tive a ideia de pedir um texto a elas para compor um livro. Um título: *Perché mi Piace*. Sua tradução: “Porque eu quero” ou “Porque me deu na telha!” Dois significativos pontos depois de um verbo. Um livro só de mulheres. Exaustas da fórmula postulada de que mulher não é amiga de mulher, ou de sermos lembradas de que uma mulher quando fala a outra mulher tem sempre algo desagradável a dizer, nos reunimos, todas. Para lhes falar, para lhes convidar a dizer o que pensam. Para que escrevessem o que quisessem. Reuni assim, 43 textos, sem série ou conjunto. Uma entre várias, a cada vez. Um circuito do convite se formou, um livro do “com”. Somos todas as diferenças convivendo. Essa tal intimidade fazedora de laços: “Talvez não estejamos completamente sós, enquanto houver um outro que nos escute. Talvez por isso se diga que mulheres falam muito” (OLIVEIRA, 2018, p. 24).

Um teto todo nosso não é apenas espacial. Viver junto também é temporal, vivemos ao mesmo tempo juntas, em 2019. Viver ao mesmo tempo incita uma contemporaneidade. Numa fantasia de concomitância, vivemos sob o mesmo teto de Clarice, Hilda, Cora, Elena, Katherine, Emily, Virgínia. Diferente de viver sob o mesmo teto de Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Emma Bovary, Anna Karenina, de séculos (tão) passados.

Onde situar Beauvoir nesse impasse temporal? As mulheres que escrevem precisam de um teto todo seu, de dinheiro. Assim nas palavras de Virginia Woolf:

Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: *uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção*; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me da obrigação de chegar a uma conclusão sobre esses dois assuntos – mulheres e ficção permanecem, no que me concerne, problemas não resolvidos. (WOOLF, 1929a, p. 12, grifos nossos)

Mais adiante no texto, Woolf adiciona, literalmente, outro requisito: a *tranca* na porta. “Tranque as bibliotecas, se quiser; mas não há portões, nem fechaduras, nem cadeados com os quais você conseguirá trancar a liberdade de seu pensamento” (WOOLF, 2014, p. 109).

É a mulher que trabalha, cuida dos filhos, ama, se ama e precisa de um dinheiro, um teto todo seu, fato. Contudo é a mulher que precisa, também de uma *tranca na porta*, para conseguir parar para sentar e escrever, com coragem, aquilo que pensa. Num ambiente de liberdade pessoal que permita exprimir-se sem sujeição, ainda que deixando a louça acumulando na pia e escrevendo depois de colocar as crianças na cama ou ainda precisando de que outra mulher esteja por perto para o funcionamento da vida cotidiana. Para Woolf, as mulheres nunca têm meia hora que podem chamar de sua. Mesmo para aquelas sem filhos. Há uma experiência de inadequação na escrita das mulheres, inadequação de recursos e ferramentas. As prateleiras vazias de livros de mulheres intrigavam a Woolf.

No capítulo 6, do segundo volume de *O segundo sexo*, Beauvoir discute a oposição entre o suposto “mundo feminino” ao “universo masculino” e o paradoxo da situação da mulher, no trecho intitulado: “Situação e caráter da mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 407). O paradoxo decorre do fato de as mulheres pertencerem, ao mesmo tempo, ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado: “mulheres encerradas nessa esfera, investidas por aquele mundo, não podem instalar-se em nenhum lugar com tranquilidade” (BEAUVOIR, 2016, p. 407).

A situação da mulher, segundo Woolf, também parece estar localizada entre a diferença entre dois mundos distintos, mas acrescenta certo compromisso com o mundo, compromisso que acaba por deixar a mulher só, para além de serem mundos rigorosamente separados de homens ou mulheres. “Seguimos sozinhas, e nossa relação é com o mundo da realidade e não só com o mundo de homens e mulheres” (WOOLF, 2014, p. 159). A realidade de Virgínia Woolf, mediada por sua escrita, e a realidade de 2019, mediada pelo que escrevemos, pelo que estudamos, confirma a proposta de Woolf: precisamos de um *teto todo nosso* para escrever e percebemos que a liberdade intelectual depende de coisas materiais, como tempo e bolsa de estudos para dedicarmos à escrita.

Há um “todas” que talvez seja o único que o livro *Perché mi piace* comporta. Todas acabam estando sob um mesmo teto: o de uma indeterminação depois das eleições presidenciais. É importante voltar à noção do tempo que vivemos juntas, lembrando que, na época da publicação de *Um teto todo seu*, em 1929, há 90 anos, Benito Mussolini

e o partido nacional fascista governavam a Itália, bem ao lado da França de Beauvoir, censurando materiais, inclusive literários, que fossem contra o regime.

As mulheres da escrivainha

Convém saltar da Itália do fascismo para a Itália – e para o mundo – de hoje. De Virginia Woolf a Elena Ferrante. Duas escritoras. E mais outra(s).

Olga é abandonada por Mario, que a deixa com duas crianças e um cão num apartamento em Turim. Esses são os personagens nucleares do livro de Elena Ferrante em *Dias de abandono*. Um casal desagregado. Olga era exatamente uma escritora – ou, na acepção de Woolf, uma - mulher que escreve -. Nunca encontrava tempo para se dedicar à escrita, sempre ocupada e preocupada com o funcionamento do lar e dos cuidados com as crianças. Quando o marido a deixa, o retorno dele parece improvável, Olga mergulha em seus pensamentos obsessivos. Atenta à necessidade de trocar a fechadura da porta, Olga troca sua porta antiga por uma porta blindada e, portanto, por uma nova tranca. Perturbada pela angústia da solidão, o medo de não voltar a amar, vê, em sua filha, rastros de algo que foi ou que não gostaria de se tornar. Acreditando-se incapaz de abrir a nova fechadura, sem poder fazer ligações telefônicas, porque havia atirado seu celular na parede depois de um acesso de raiva, fica presa o tempo suficiente para fazer que o leitor, as leitoras, nós, de sua história não somente leiamos o que se passa dentro do apartamento, como também cheguemos, todas e todos, quase a sonhar o mesmo pesadelo de Olga. São páginas de encadeamento, encarceramento, prisão e de inabilidade com as chaves. Antes desse encarceramento, ainda quando estava casada, num passeio em uma casa de campo, Olga fora incapaz de abrir a porta e as crianças exaustas e com fome, precisaram dormir no carro, até que o marido chegasse com a dona da casa, mãe daquela que seria amante de seu marido, que abriu a porta com facilidade. Ainda que o teto, necessário, defendido por Woolf, tenha sido conquistado, a tranca comparece ali – e aqui.

Depois de ser deixada, Olga sofre os dias de abandono que dão nome ao livro. Abandono que, no campo psicanalítico, podemos propor como dias de *luto*. Afinal, a retórica da impossibilidade, de saída, durou o tempo suficiente para que o filho adoecesse e o cachorro morresse. Sua filha, companheira dos momentos de escuridão, carregava uma pinça para todos os lados e, a pedido da mãe, com o pouco de força de suas pequenas mãos de uma criança de três anos, pinçava a mãe quando os pensamentos da própria Olga a afastavam da própria filha.

Em certo momento, quando tentava se lembrar do modo de girar a nova chave, os pensamentos de Olga a levam aos dois operários que trabalharam na porta, que disseram: “cuidado senhora, não faça força, cuidado como usa a chave, os dispositivos são delicados”. Ao que a protagonista-narradora afirma: “Todas aquelas alusões, a chave na posição vertical, a chave na horizontal, ainda bem que eu sempre soube das minhas coisas” (FERRANTE, 2016, p. 24). Vertical e horizontal, quase como a vida privada, encarcerando a pública, que tinha se tornado vexatória, por conta de ter sido largada.

Soube imediatamente, até antes de tentar, que a porta não se abriria. [...] Tentei fazer uma pressão mais forte, caoticamente, tentei virar a chave antes para a esquerda, depois para a direita. Nenhum resultado. Tentei então extraí-la da

fechadura, mas não saiu, ficou presa como se o metal se fundisse com o metal, bati os punhos dos painéis, dei com os ombros na porta, tentei outra vez com a chave, de repente meu corpo acordou, estava devorada pelo desespero. Quando me rendi, descobri que estava coberta de suor. A camisola estava grudada no corpo mas eu batia os dentes. (FERRANTE, 2016, p. 113)

Quanta engrenagem! Olga, encadeada em seus pensamentos, passaram-se horas, que pareceram semanas, e a campainha tocou. Era o vizinho que ela suspeitava que a desejava. “Você precisa de ajuda?”, pergunta. Ela diz que sim. “E não pode me abrir por favor?” (FERRANTE, 2016, p. 144).

Ainda na mesma página, prosseguimos: “Eu não sabia se podia, mas não o disse, estendi a mão até a chave, peguei-a decididamente entre os dedos, movia-a só um pouco, sentia-a dócil. A chave virou com facilidade dentro da fechadura” (FERRANTE, 2016, p.144). Em seguida, diz ao homem que tinha um trabalho sujo pra ele, retirar o cachorro morto do apartamento.

Voltemos a Woolf.

Se Virgínia Woolf afirma que uma mulher precisa de uma tranca na porta, ela parece indicar naquele momento, uma necessidade de privacidade. A mulher precisa, para além do teto e do dinheiro, de uma tranca.

Hoje, exatos 90 anos depois, ouvindo em meu consultório a dificuldade de mulheres em mudar de vida, em mudar de ideia quando não querem mais o marido, ouço o ruído da porta. Ouço a dobradiça que range nas palavras que têm história, as dobradiças de uma porta que não pede mais privacidade apenas, e, sim, proteção. O pedido, o direito, de não ser acordada no meio da noite, ser ameaçada ou agredida.

Assim, de posse da narrativa de Woolf e de Ferrante, eu me dei conta das dobradiças, das portas, das ferragens das maçanetas, da engrenagem das portas, quando uma paciente recentemente havia se mudado de apartamento e sofria ameaças do marido. Sem me dar conta, perguntei: “o prédio tem portaria?”.

Mulher da escrivania 2

Do consultório de hoje a 1892.

Sem saber por que sofre, a esposa se muda para uma casa de uma fazenda para se recuperar não se sabe do quê. Convalescendo de uma doença inespecífica, o marido, médico, preserva a esposa para que ela se recupere. Esse é o cenário de *O papel de parede amarelo*, de Charlotte Gilman, publicado, pela primeira vez, em 1892. Longe de qualquer contato social, bastante isolada e afastada da estrada, a esposa é confinada pelo casamento e pelos seus pensamentos. “Assim, tomo fosfatos ou fosfitos - não sei ao certo, e tônicos e ar fresco e dou caminhadas e faço exercícios e estou absolutamente proibida de ‘trabalhar’ até me restabelecer” (GILMAN, 2018, p. 13).

Ela não gosta nem um pouco de seu quarto, mas o marido não quis nem falar no assunto. Era sempre atencioso e amável e não permitia que a esposa desse um passo sequer sem suas instruções. Ele se ocupa de seus cuidados, e ela se culpa por não lhe dar mais valor. Ficaram com o quarto infantil do andar de cima. A mulher assim descreve o aposento:

[...] a tinta e o papel de parede dão a impressão de que funcionou aqui uma escola

para meninos.. a cor é repulsiva, quase revoltante; um amarelo esfumado e sujo, estranhamente desbotado pela luz do sol, em seu lento transladar. Não espanta que as crianças o odiassem! ... Lá vem John, ele detesta que eu escreva. (GILMAN, 2018, p. 16)

Mais adiante:

Esse papel de parede tem uma espécie de subpadrão em tom diferente e particularmente irritante, pois só é possível vê-lo sob determinada luz, e mesmo assim, sem muita clareza. Nos pontos em que não está desbotado e onde a luz é adequada, porém, posso ver uma espécie de figura disforme, estranha e provocadora, que parece esgueirar-se por trás do desenho tolo e chamativo em primeiro plano. (GILMAN, 2018, p. 27)

Presas no lar, excluída da vida pública, resta a confusão, beirando a loucura.

Conversando com Charlotte, Beauvoir, no segundo volume de *O segundo sexo* escreve sobre a situação da mulher.

Mas esta não tem outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas; não lhe dão nenhuma possibilidade de influir no futuro nem no Universo; ela só se ultrapassa para a coletividade por intermédio do esposo. (BEAUVOIR, 2016, p. 190)

Não bastasse o choque, o marido é quem “supera os interesses da família em prol da sociedade e lhe abre um futuro cooperando para a edificação do futuro coletivo: ele é quem encarna a transcendência. A mulher está voltada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência” (BEAUVOIR, 2016, p. 189).

Se, no início deste texto, lembro o quanto as mulheres da escrivania precisavam interromper sua escrita, eu também interrompo, mas para seguir adiante posteriormente. Percebi minimamente que o feminismo não é um programa arquivado. Pelo contrário, ele se reinventa- e se atualiza entre nós. Um livro de textos de mulheres não é uma novidade, parece mais pertencer a uma linhagem, parece seguir um rastro. As pegadas de Beauvoir têm-me mostrado que as palavras detêm uma história, que muitas de minhas pacientes são feministas e não sabem que o trabalho analítico implica um trabalho mais de liberdade que de felicidade. E isso é textual em Beauvoir:

Mas esta não tem outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas; não lhe dão nenhuma possibilidade de influir no futuro nem no Universo; ela só se ultrapassa para a coletividade por intermédio do esposo. (BEAUVOIR, 2016, p. 190)

Ecoando o que viera antes: “como, na condição feminina, um ser humano pode se realizar? Eu pergunto, escrevendo?... isso significa que aos nos interessarmos pelas chances do indivíduo, não definiremos essas chances em termos de felicidade, mas em termos de liberdade” (BEAUVOIR, 2016, pp. 31-32).

Enquanto a oportunidade individual de liberdade é uma luta, é importante observar as instâncias nas quais essa luta se instala. Uma delas é a escrita. Ninguém nasce autora, torna-se autora.

Reviramos papéis e livros. Para ler, para nada, para ser apenas um decorativo de *arts&crafts*. Mas já não vivemos uma vida sem registro. E estes não são mais apenas os registros de casamentos.

Em homenagem às autoras interrompidas e aos leitores que se interessam por elas, termino com um desejo, o de Virgínia, mas também nosso!

Por essa razão, eu pediria a vocês que escrevessem todo tipo de livro, não hesitando diante de nenhum tema, por mais trivial ou vasto que seja. De qualquer maneira, espero que vocês tenham dinheiro suficiente para viajar e vagar, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros, tardar em esquinas de ruas e deixar que a linha de pensamento mergulhe fundo na correnteza. Porque de jeito nenhum quero confiná-las à ficção. (WOOLF, 2014, p. 153)

Referências:

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Volume 2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FERRANTE, E. *Dias de abandono*. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

GILMAN, C. *O papel de parede amarelo*. Tradução de Diogo Henriques. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

REIS, M. L. O. (Org.). *Perché mi piace*. Curitiba: Calligraphie Editora, 2019.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 30/Ago/2019 - **Aceito em:** 02/Dez/2019.